X Colóquio do Centro de Estudos Portugueses da UFPR
I Colóquio da Cátedra Camões José Saramago
“Se podes ver repara”: olhares sobre Saramago
13, 14 e 15 de Setembro de 2022
Universidade Federal do Paraná
Curitiba, Paraná, Brasil
<https://cepufpr.wixsite.com/sepodesver>

RESUMOS

OUTRAS ILHAS DESCONHECIDAS: MARIA SOZINHA SOB A INTERPRETAÇÃO DE SARAMAGO

Aline de Fátima Marques (UFJ)

“O conto da Ilha desconhecida” elaborado pelo escritor português José Saramago, objeto de estudo e fonte de várias interpretações filosóficas, literárias, sociológicas e geográficas, coloca em foco temas da procura existencial dos sujeitos. Semelhante ao enredo do conto Saramaguiano, desenvolver-se-á uma interpretação da crônica Maria Sozinha, publicado no blog multiplicadores de Visat – Fiocruz-RJ. O desamparo, a solidão e a luta por vencer obstáculos existenciais se apresentam enfaticamente nos dois textos. A inspiração do Conto da Ilha desconhecida, de Saramago, na interpretação da crônica Maria Sozinha, gera possibilidades para a interpretação das lutas humanas de sujeitos simples do interior.

PALAVRAS CHAVES - Desamparo; interpretações geográficas; crônica Maria Sozinha; sujeitos simples do interior

Aline de Fátima Marques é Colunista do blog Multiplicadores de Vigilância em Saúde do Trabalhador (FIOCRUZ/RJ). Pesquisadora do Grupo de Estudos Saúde do Trabalhador- Multiplicadores de Visat/ FIOCRUZ.-RJ; Pesquisadora do Grupo de Estudos Dona Alzira (UFG/IESA). Sócia da AGB- GOIÂNIA, Associação de Geógrafos Brasileiros; Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Jataí-GO. Mestra em Geografia -UEG.

“O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA”, DE JOSÉ SARAMAGO - UMA VIAGEM POR DENTRO

Alison Barboza Azevedo (IESA- UFG)

Este trabalho pretende promover um diálogo entre geografia e literatura a partir d’O *conto da ilha desconhecida*, de José Saramago, por meio da aproximação entre o dizer geográfico e o dizer literário, tendo a narrativa como ponto de intersecção entre ambos; Parte dos seguintes pressupostos teóricos: a) O espaço como elemento

fundante da narrativa; b) As (im)possibilidades da linguagem no dizer geográfico; c) as possibilidades da linguagem no dizer literário. Tais pressupostos, acrescidos de outros decorrentes da interpretação literogeográfica da obra analisada, orientarão todo o curso desta pesquisa. O desejo de partida e a predisposição de viagem, elementos centrais do conto da ilha desconhecida de José Saramago, serão os pontos de intersecção entre a geografia e a literatura. Nesse sentido, a interpretação literogeográfica desta que consideramos uma narrativa de viagem contemporânea pode contribuir para uma aproximação não hierarquizada entre os saberes em jogo: o geográfico, de natureza científica, racional, e o literário, de natureza artística, estética, existencial. Propomos à interpretação literogeográfica *do conto da ilha desconhecida* a partir do desejo de partida como fio condutor para o conhecimento e a conquista de novos espaços. Analisa-se a viagem como predisposição e a ilha como o desconhecido que não consta nos mapas, destacando-se o aspecto existencial contido no conto saramaguiano, a fim de investigar como a viagem narrada no conto pode ampliar no leitor o conhecimento geográfico do mundo. Afinal, o enriquecimento geográfico ocorre também considerando a subjetividade, as dimensões simbólicas e culturais, os afetos e sofrimentos, como aspectos da vida do sujeito humano na relação com o espaço. Essa relação encontra-se no cerne da narrativa saramaguiana sob análise.

Palavras-chave: Conto, Ilha, Desconhecida.

Alisson Barboza Azevedo é Bacharel em direito (PUC-GO), Especialista em direito constitucional (Uniderp-Anhanguera) e Mestrando em geografia (UFG)

IMAGINÁRIO E UTOPIA: INCURSÕES GEOGRÁFICAS E FILOSÓFICAS EM “O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA”

Ana Cristina Silva (UFG)

Em “O conto da ilha desconhecida”, Saramago põe em questão o imaginário geográfico de um mundo plenamente conhecido, onde não há mais nenhuma ilha a ser descoberta, como pode presumir os geógrafos. Um homem instala-se e bate à porta do rei a pedir-lhe uma embarcação que o poderá levar até a ilha desconhecida. O rei protela, demora-se em atender ao pedido do homem, até não ser mais possível ignorá-lo. Há que se conceder ao homem uma embarcação que possa levá-lo em segurança à ilha desconhecida. Quando a porta dos obséquios é aberta todo um imaginário instituído com ela se abre: a heteronomia, a burocracia, a sociedade de controle, a possibilidade de instituir outro imaginário. Ao homem é concedida uma caravela, viajar é preciso mesmo que se navegue em busca do desconhecido. Iniciada a viagem há que se instituir um imaginário radical na ilha desconhecida. Pode-se pensar que o homem está a buscar a ilha desconhecida como quem crê na utopia. Mas não nos enganemos com o ardil da ficção de Saramago e sua literatura combatente. Ele mesmo um crítico das utopias. Com esse conto, Saramago nos

instiga a navegar e sonhar com o homem em busca da ilha desconhecida. Doravante, nenhum geógrafo poderá dizer que essa ilha não existe.

Palavras-chave: Literatura, Geografia, Imaginário, Utopia.

Ana Cristina da Silva é Graduada em Geografia e mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás. Doutora em Geografia pela UNESP de Presidente Prudente, com Pós Doutorado pela UNESP de Rio Claro. Professora da Universidade Federal de Goiás desde 1994, no Instituto de Estudos Socioambientais. Atualmente é credenciada como colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Jataí e como coorientadora na Universidade de Brasília. Tem experiência nas áreas de Ensino de Geografia, Geografia Humana, com ênfase em Epistemologia e História da Geografia, História do Pensamento Geográfico. Pesquisa os seguintes temas: teoria e metodologia da geografia, história do pensamento geográfico e da geografia, território e imaginário, teoria social e geografia humana. Faz parte da Rede Brasília de pesquisadores em História da Geografia e é Filiada à ANPUH-GO, como membro do GT de História da ciência e da tecnologia.

O OLHAR SARAMAGUIANO ACERCA DA IDENTIDADE PERFORMATIZADA: O HOMEM DUPLICADO

Ana Marcia Alves Siqueira (UFC)

Esta apresentação discute a representação do duplo, enquanto temática literária e recurso estético relacionado à identidade, arquitetada por José Saramago em *O homem duplicado*, por meio da crítica à reprodutibilidade técnica e a despersonalização do indivíduo no contexto contemporâneo. Embora o fenômeno de duplicação entrelaçado ao questionamento da identidade do sujeito esteja presente na tradição literária, Saramago articula uma nova proposta: a crise de identidade, surgida das sombras de um duplo, acaba transcendendo as preocupações de um indivíduo e se estendendo para todo um contexto social. A narração lança mão ao recurso fantástico atentando para uma tensão existente entre o homem e a realidade social/coletiva em um contexto que, após a Psicologia, a Teoria da Relatividade e a Física Quântica, contempla a crise da incerteza em relação ao mundo e do ser humano em crise *neste* mundo. O protagonista representa o indivíduo metonímico de seu tempo, o sujeito contemporâneo desestabilizado em sua vida profissional, amorosa, privada e interior que, diante do sentimento de objetificação, questiona sua identidade por entrar em conflito com sua própria existência. O resultado é o desconforto do sentir-se inadequado aos padrões estabelecidos pela convenção social e a busca de nova identidade performada. Em suma, a agudeza do olhar crítico saramaguiano salienta um processo social perigoso: a crise de identidade estrutural proporcionada pela reificação advinda do sistema industrial, pelas relações utilitárias capitalistas e pela sensação de instabilidade característica da sociedade contemporânea. Para realizar esta proposta, a análise fundamenta-se em estudos de

Benjamin (1983), Bauman (1998), Hutcheon (1991), Adorno (2002), Arnaut (2014) e Rosset (2008).

Palavras-chave: Duplo, Reprodutibilidade técnica, Despersonalização.

Ana Márcia Alves Siqueira possui Licenciatura em Letras (1992) e Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista - UNESP (1998) e Doutorado em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo - USP (2007). É professora associada do Departamento de Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará e pesquisadora da área de Literatura Portuguesa e Literatura comparada, especialmente, estudos sobre Eça de Queirós, releituras da medievalidade e a temática do mal na literatura. Atualmente coordena o grupo de pesquisa "Vertentes do mal na literatura", registrado no diretório de grupos do CNPq, é editora da Entrelaces, revista do PPGLetras - UFC e pesquisadora do Grupo Eça.

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: OLHARES SOBRE O “APOCALIPSE”

Bianca Mounic Gava Nogueira dos Santos (UFPR)

Muitas narrativas de Saramago já foram observadas sobre a perspectiva de estarem resgatando e ressignificando elementos do Cristianismo, tal qual o *Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991) e *O Memorial do Convento* (1982). O *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995), no entanto, carece de trabalhos que utilizem essa abordagem. Sendo assim, o estudo pretende observar em que medida é possível considerar a obra distópica saramaguiana como uma releitura do livro bíblico do “Apocalipse” segundo São João. Para tanto, esse trabalho começará pela busca de metáforas e símbolos em comum a ambos os textos, traçando paralelos que possibilitem relacioná-los. Em um segundo momento, partindo dos escritos de Salma Oliveira (2002), *As faces de Deus na obra de um ateu*, a presente pesquisa irá procurar identificar uma tendência, ou pontos de vista similares que sejam recorrentes em mais de uma obra de Saramago. Espera-se, com isso, obter uma possível chave de leitura para o *Ensaio Sobre a Cegueira*.

Palavras-chave: Apocalipse, Saramago, Ensaio Sobre a Cegueira.

Bianca Mounic Gava Nogueira dos Santos é graduanda em Letras Português e Inglês na Universidade Federal do Paraná desde 2018. Neste ano, lecionou português no projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH). Em 2021, foi bolsista no projeto Professores sem Fronteiras (PsF). Atualmente, leciona Inglês como língua adicional no Centro de Línguas e Interculturalidade da UFPR (Celin) e desenvolve seu projeto de iniciação científica em estudos da tanatografia em *Homens Imprudentemente Poéticos*, de Valter Hugo Mãe.

“EMBARGO”, CONTO-LABORATÓRIO DE *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*

Caio Gagliardi (USP)

O conto “Embargo”, publicado numa edição exclusiva e ilustrada, em 1973, e depois reunido em *Objecto Quase* (1978), é, nesta proposta de leitura, abordado como uma espécie de laboratório para o romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995). A imagem de um condutor preso a seu veículo durante a suspensão de fornecimento de petróleo das reservas árabes, nos anos setenta, dramatiza humoristicamente (no sentido pirandelliano) a dependência aos recursos energéticos. Mais de duas décadas depois, Saramago escolhe como primeiro cego de seu romance apocalíptico justamente um condutor diante de um semáforo. Significativamente, ambas as narrativas, estruturadas em torno de condições inexplicáveis e do confinamento, foram adaptadas para o cinema, sendo lançadas com um intervalo curto entre si – em 2008, o romance, em 2010, o conto. Sem deixar de considerar sua autonomia estética, propomos, aqui, visando a uma iluminação mútua entre os textos, destacar aqueles aspectos de “Embargo” que sugerem uma forte relação intertextual com *Ensaio sobre a cegueira*.

Palavras-chave: “Embargo”, *Ensaio sobre a cegueira*, laboratório de escrita.

Caio Gagliardi é professor Livre-Docente de Literatura Portuguesa na USP, onde coordena o grupo de pesquisa *Estudos Pessoaanos*. Realizou três pesquisas de Pós-Doutorado, sendo duas delas na Università degli Studi di Roma “Sapienza”. Preparou edições com aparato crítico de *A cidade e as serras* (2006), *O Ateneu* (2020), *Mensagem* (2007), *Poemas completos de Alberto Caeiro* (2011) e *Teatro do êxtase* (2020), volume no qual reúne parte da obra dramaturgica de Fernando Pessoa. É autor de *O renascimento do autor – autoria, heteronímia e fake memoirs* (2019) e organizador de *Fernando Pessoa & Cia. não heterônima* (2019). Publicou ainda o livro de poesia *Caroço* (2021) e o romance *Justine* (2021). Além da obra de Fernando Pessoa, pesquisa as “Figurações do Exílio da Literatura Portuguesa Contemporânea” e o “Professor como Personagem”.

LEVANTADO DO CHÃO E AS FULGURAÇÕES NEORREALISTAS NAS OBRA DE JOSÉ SARAMAGO

Charles Vitor Berndt (UFSC)

A presente comunicação propõe uma análise comparativa do romance *Levantado do Chão* (1980), de José Saramago, com alguns romances de escritores ligados ao neorrealismo português, entre os quais se destacam as obras de Alves Redol, Soeiro Pereira Gomes, Carlos de Oliveira e Manuel da Fonseca. Publicado em 1980, ao narrar a saga dos Mau-Tempo, uma família de cavadores secularmente explorados no latifúndio alentejano, *Levantado do Chão* tem sido compreendido pela crítica e pelo seu próprio autor como um “epílogo” do neorrealismo de Portugal, isto é, como

uma espécie de último romance neorrealista. Apesar de ser frequentemente aproximado dos neorrealistas apenas no que toca ao discurso ideológico de que lança mão, nesta comunicação evidenciaremos o modo como o romance saramaguiano aproxima-se desses textos também no âmbito da forma. Ao compreender o neorrealismo como uma “memória textual” e como uma tendência permanente na literatura portuguesa, nossa hipótese é a de que *Levantado do Chão* não apenas é um romance contemporâneo continuador dos preceitos neorrealistas, mas deve ser lido como um romance neorrealista de fato, que funciona como um verdadeiro *hipertexto*, retomando e relendo toda tradição na qual se insere e, inclusive, acompanhando as inovações formais já presentes em romances neorrealistas tardios como *Barranco de Cegos* (1962). Então, propomos o conceito de *fulguração neorrealista*, uma imagem metafórica por meio da qual identificamos e discutimos as relações que a obra de José Saramago estabelece com a tradição literária do neorrealismo português.

Palavras-chave: *Levantado do Chão*, Neorrealismo português, Fulguração neorrealista.

Charles Vitor Berndt é Doutor em Literaturas (2021) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui Mestrado em Literaturas (2017), também pela UFSC. É, ainda, Bacharel (2013) e Licenciado (2015) em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela mesma universidade. É Licenciado em Português pela Universidade de Coimbra (Portugal), através do Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI) da CAPES e do GCUB (Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras). Tem como principal interesse a Literatura Portuguesa, as Literaturas Africanas de países de Língua Portuguesa e a Literatura Brasileira.

O CONTO CADEIRA A PARTIR DE JORNAIS E BIOGRAFIAS DISPONÍVEIS EM SUA ÉPOCA

Daniel Vecchio (UFRJ/FAPERJ)

Muitos analisam o conto “Cadeira” focando em seu efeito literário ritmado em câmara lenta, por meio do qual o narrador esmiúça em mais de duas dezenas de páginas o trabalho de um voraz e subversivo caruncho a roer o madeirame do assento da cadeira do ditador António de Oliveira Salazar, fazendo-o desabar e ferir mortalmente a cabeça. Porém, nesta apresentação, veremos, antes de tudo, que tal alegoria do caruncho tem nome e assento nos registros da história portuguesa, pois é a partir de certa documentação consultada que Saramago representará o Anobium como testemunha ocular e presencial da queda do ditador, ocorrida no início do mês de Agosto de 1968. Sendo assim, ao longo desta comunicação, observaremos que a sugestão do narrador de acompanharmos *in loco* o passo a passo do acidente doméstico de Salazar só foi possível pela autópsia documental que o escritor realizou sobre esse acidente, especificamente em jornais da época do ocorrido, deixando de lado, no entanto, o conteúdo veiculado pelos jornais em anos posteriores. Com um material biográfico ainda mal fundamentado sobre a morte de Salazar até o seu momento de publicação, veremos que, no conto, há referências explícitas e demasiado limitadas às informações contidas nos boletins médicos oficiais que

foram divulgados em todos os grandes jornais portugueses da época. Esses boletins vieram a público após quase dois meses da data do acidente, distorcendo muitos dados do episódio. Por conseguinte, veremos, nesse conto, que as representações da histórica queda de Salazar ainda refletem muitos desses dados equivocados, nos revelando uma ainda tímida investigação documental por parte de Saramago, que não se ateu às principais atualizações sobre a queda divulgadas pelos jornais mais tardios da década de 1970.

Palavras-chave: Morte de Salazar, balanço jornalístico, representação literária.

Daniel Vecchio Alves possui formação interdisciplinar nas Ciências Humanas: é Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde foi pesquisador do CNPq. É Mestre em Estudos Literários e Licenciado em História pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), onde foi pesquisador da CAPES. Possui também formação na área educacional, com especialização em Docência no Ensino Superior pelo Senac-SP e com mestrado em Educação e Tecnologias Digitais pela Universidade de Lisboa (ULISBOA). Atualmente, é pesquisador de Pós-Doutorado em Letras Vernáculas - Estudos Literários pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com bolsa da FAPERJ / Pós-Doutorado Nota 10. Tem se dedicado aos estudos saramaguianos com produção de teses e artigos nessa e em todas as suas demais frentes de interesse, acumulando publicações em diversos periódicos científicos nacionais e internacionais. Seus interesses de pesquisa abrangem as relações entre História e Ficção, a História dos Imaginários, a História das Viagens Marítimas (incluindo sua historiografia), e a História da Literatura (com ênfase na história da literatura de língua portuguesa). Na educação, suas investigações perpassam pela História da Educação, a Coordenação Pedagógica e as Tecnologias Educacionais.

DA QUARESMA AO CORPO DE DEUS: CARNAVALIZAÇÃO E DESSACRALIZAÇÃO EM *MEMORIAL DO CONVENTO* (1982), DE JOSÉ SARAMAGO

Eduardo Soczek Mendes (UFPR)

Memorial do Convento (1982) é um dos mais conhecidos romances de José Saramago (1922-2010), sendo também uma de suas maiores obras. Neste ano do centenário de vida do autor, o romance está completando 40 anos de publicação: uma narrativa que mescla o histórico com o fantástico; discorre sobre as cerimônias religiosas com um discurso dessacralizador; “carnavaliza”, segundo a acepção bakhtiniana do termo, o que correntemente seria tratado com seriedade pelos discursos oficiais. A nós nos interessa, todavia, a maneira como os festejos e cerimônias litúrgicas católicas são descritos nesse romance ambientado no Portugal setecentista, sob grande influência da Contrarreforma Católica e sob o reinado de D. João V (1689-1750): as procissões penitenciais da Quaresma e o cortejo do Corpo de Deus, por exemplo, que demarcam a passagem temporal no romance, mas, além disso, abrem inúmeras discussões sobre como o narrador refere as suas pormenorizações e

como conduz o leitor a diferentes ponderações. Para tanto, embasamos as nossas análises em diálogo, sobretudo, com Mikhail Bakhtin, Peter Burke, Teresa Cristina Cerdeira da Silva e Odil de Oliveira Filho.

Palavras-chave: *Memorial do Convento*, José Saramago, cerimônias religiosas.

Eduardo Soczek Mendes é curitibano, doutor e mestre em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal do Paraná. Cursou Licenciatura em Letras (Português) pela mesma instituição federal de ensino. Foi professor de Língua Portuguesa, desde o princípio de sua graduação, em Escolas e Colégios da Secretaria de Estado da Educação do Paraná e professor colaborador de Literatura Portuguesa, vinculado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Guarapuava, Paraná). Integra o grupo de pesquisa do Centro de Estudos Portugueses (UFPR) e desenvolve investigações relacionadas com a produção de Alexandre Herculano (1810-1877), no que concerne em seu diálogo com a História e com o Catolicismo popular e oficial. Todavia, também lhe interessam, sob a mesma ótica, as obras de outros autores, como Almeida Garrett (1799-1854), Camilo Castelo Branco (1825-1890), Eça de Queirós (1845-1900), Agustina Bessa-Luís (1922-2019), José Saramago (1922-2010), dentre outros.

A REIVINDICAÇÃO DO SUJEITO: POR UMA INTERPRETAÇÃO LITEROGEOGRÁFICA DO CONTO DA ILHA DESCONHECIDA, DE JOSÉ SARAMAGO

Eguimar Felício Chaveiro (IESA-UFG)

Duas premissas fundamentam a proposta do trabalho. A primeira situa-se numa constatação: a sociedade moderna, de timbre burguês e urbano, edificou meios e mecanismos de ler a natureza, o território e, inclusive, o espaço sideral; desenvolveu tecnologias e informações, as mais sofisticadas possíveis, contudo não resolveu o problema da miséria humana e social. A segunda situa-se nisso: a geografia brasileira tem estendido o seu conhecimento em direção à arte literária e, na mesma direção, tem procurado na literatura alicerces para compreender o sujeito. Por conseguinte, construir uma interpretação literogeográfica do conto da Ilha desconhecida, de José Saramago, pode favorecer o objetivo de enriquecer a leitura geográfica do sujeito uma vez que a narrativa do conto dramatiza e afunda a viagem das personagens em si mesmas. Viajar no mundo procurando a si mesmos conecta espaço, sujeito e ficção.

Palavras chaves: interpretação literogeográfica, sujeito, viagem.

Eguimar Felício Chaveiro é Professor titular do Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás. Membro do IHGG - Instituto Histórico geográfico de Goiás; do ICEBE - Instituto Cultural Bernardo Élis para os Povos do Cerrado; da AGB - Associação dos Geógrafos brasileiros e da ATLECA - Academia trindadense de Letras, ciência e artes. Pesquisa temas ligados a interpretação literogeográfica; Saúde do trabalhador; território do Cerrado.

SARAMAGO E A QUESTÃO DO PODER PEDAGÓGICO EM *A MAIOR FLOR DO MUNDO*

Fabrizio Uechi (USP)

Neste trabalho, parto de duas perguntas feitas por José Saramago, presentes na contracapa do livro infantil *A maior flor do mundo*, para pôr em questão um princípio político no Ocidente, que organiza suas sociedades nos termos da seguinte relação: entre duas pessoas, a mais velha deve sempre conhecer mais o mundo que a mais nova. Numa perspectiva jurídico-ontológica, é como dizer que a primeira delas tem o “direito natural” de saber mais que a segunda. Assim, em se tratando de um fundamento social, tal princípio também é será encontrado na estrutura dos livros classificados como literatura infantil: vemo-lo na premissa pedagógica desse gênero literário, a qual faz a todos aceitarem, sem quase nenhuma contestação, a necessidade de as crianças incorporarem certo conjunto de valores que os adultos, em consenso, consideram essenciais para a boa formação delas. Mas há uma contradição dentro dessa ordem discursiva, segundo Saramago. Para o escritor, podemos ver, reparar esse problema na realidade, pelo fato de tais lições de moralidade, ensinadas às crianças por meio das histórias infantis, não serem realizadas justamente por quem as ensinam, ou seja, pelos adultos. Prevalece o que diz o ditado popular: “faça o que eu falo, não faça o que eu faço”. A contradição deveria, por conseguinte, fazer-nos desconfiar da existência de uma outra lição sendo ensinada num segundo plano de significação dessas mesmas histórias: uma com aparência talvez menos nobre que a do primeiro plano, porém, muito mais efetiva em assegurar que as crianças naturalizem em si as ideias que permitem a reprodução contínua do estado de coisas do mundo. Afinal, valores como hierarquia, ordem, progresso, que constituem a relação pedagógica entre crianças e adultos, não são apreendidos naturalmente por ninguém. Ao contrário, eles nos são incorporados pela ação de todas as instituições – dentre as quais, a literatura não se exclui – que dão forma ao mundo.

Palavras-Chave: Saramago; poder; política; pedagogia; literatura infantil.

Fabrizio Uechi é Doutorando e mestre em Letras pela Universidade de São Paulo, bacharel e licenciado em Letras pela mesma universidade, bacharel em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Membro do grupo de estudos Colonialismo e Pós-Colonialismo em Português (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP), coordenado pela Profa. Dra. Aparecida de Fátima Bueno. Em sua pesquisa, interessa-se sobretudo pelos seguintes temas e autores: relação entre literatura e filosofia (estética e política), relação entre literatura e raça, relação entre literatura e gênero, teoria queer, teorias críticas da raça, literatura portuguesa e literatura brasileira contemporânea, José Saramago, Isabela Figueiredo, Jacques Rancière, Michel Foucault, Judith Butler. Bolsista CAPES.

“NARRATIVA E DIGRESSÃO OU COMO RECONTAR A HISTÓRIA A PARTIR DE UMA CADEIRA: UM CONTO DE JOSÉ SARAMAGO”

Giuliano Lellis Ito Santos (UEPG)

Resumo: A partir dessa apresentação, pretendemos ler o conto “Cadeira”, de José Saramago, e verificar as articulações narrativas para termos uma ideia da utilização das digressões como um modo de se rever a história recente de Portugal. Com uma fábula relativamente concentrada na queda de uma cadeira, o escritor português faz uma reflexão sobre o período Salazarista. O centro da narração serve de suporte para as digressões, fazendo com que esses desvios funcionem como comentários, diretos e indiretos, construindo um mosaico e criando uma imagem da ditadura portuguesa. Para melhor demonstrar essa estrutura, será feita uma leitura detalhada, classificando as digressões para que fique mais fácil sua visualização. Com isso, será possível compreendermos a articulação entre o centro da narrativa e seus excursos. Essa leitura deverá nos levar a um entendimento de como esse conto se constrói por meio de um jogo de sentido no campo da simultaneidade.

Palavras-chave: conto, história, digressão.

Giuliano Lellis Ito Santos possui graduação em Letras Português e Russo pela Universidade de São Paulo (2005), doutorado em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2011). Coordenou o Grupo Eça (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1959316289108165) entre 2013 e 2019. Organizou o livro "A obra de Eça de Queirós por Leitores Brasileiros: Ensaios do Grupo Eça de Queirós", disponível no site <http://ge.fflch.usp.br/>, fruto de debates constantes nas reuniões mensais do grupo de pesquisa. Efetuou estágio de pós-doutorado no programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da FFLCH-USP com a pesquisa "O último Eça e a história".

RECEPÇÃO CRÍTICA DA OBRA DE JOSÉ SARAMAGO ANTES E DEPOIS DE 1980

Horácio Costa (USP)

Por três e meia décadas –de 1947, ano de publicação de *Terra do Pecado*, e 1980, ano em que *Levantado do Chão* recebe o Prêmio Cidade de Lisboa– José Saramago experimentou vários gêneros literários: poesia, crítica, teatro, crônicas, até que no final dos anos 70 publica dois livros em prosa de ficção (*Memorial de Pintura e Caligrafia* e *Objecto Quase*) que não recebem, como de resto tampouco receberam suas incursões pelos terrenos genérico-literários apontados, a atenção crítica que, em função de seus sucessivos romances, o singularizará no cenário da língua portuguesa – e internacionalmente. As razões desta estranha configuração "canônica" serão discutidas na presente palestra.

Palavras chave: José Saramago, recepção crítica, cânone literário.

Horácio Costa é Professor universitário e poeta com vários livros de criação e crítica literária publicados em diversas línguas. Traduziu poetas modernos centrais, como Octavio Paz, José Gorostiza, César Vallejo e Elisabeth Bishop. Recebeu o prêmio da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte), em 1990, pela organização do encontro internacional que gerou o livro *A palavra poética na América Latina* (1992). Defendeu tese de doutoramento original sobre José Saramago em 1994 ("José Saramago: O período formativo", publicado em 1997 em Portugal, em tradução ao espanhol, em 2003 no México, e em re-edição de 2020, no Brasil). É doutorado em Filosofia (PhD), Yale University (1994). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Portuguesa, especialmente em poesia e no estudo do cânone poético das línguas portuguesa e espanhola, e em estudos comparativos Portugal, Brasil e América Hispânica. Entre 1987 e 2001 foi professor titular na Universidade Nacional Autónoma do México-UNAM. Desde 2001 é Professor Associado (livre-docente) na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

DIOGO DO COUTO, PERSONAGEM SARAMAGUIANA

José Carvalho Vanzelli (UFPR)

Esta comunicação intenciona apresentar algumas considerações em torno de uma das obras que compõe a dramaturgia de José Saramago, nomeadamente *O que farei com este livro?* (1980). Esta peça, em um primeiro momento, pode ser colocada lado a lado com outros trabalhos que, na efeméride de quatrocentos anos de morte de Luís de Camões, recriaram ficcionalmente parte da lacunar biografia camoniana, cuja especificidade dada pelo autor de *Manual de Pintura e Caligrafia* rendeu – e rende – significativos estudos. Entretanto, a obra traz, também, entre suas personagens, outras figuras ímpares da História portuguesa quinhentista. As caracterizações dadas por Saramago a estes vultos se tornam tão interessantes de serem analisadas quanto o protagonista da peça. Neste trabalho, minha atenção estará voltada para uma dessas personagens: o cronista do Estado da Índia portuguesa e guarda-mor da torre do Tombo de Goa, Diogo do Couto (1542-1616). Tendo por base a biografia de Couto, as características de sua principal obra, *O Soldado Prático* (1790), além do trabalho cronístico de Saramago, pretendo averiguar como futuro autor de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* se utiliza de uma figura notabilizada por falar exclusivamente do Oriente português do século XVI para ler criticamente Portugal do século XX.

Palavras-chave: José Saramago, Teatro, Diogo do Couto.

José Carvalho Vanzelli possui Mestrado e Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente realiza pesquisa em âmbito de pós-doutorado na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atua, principalmente, com os temas: Orientalismo; Literaturas de Língua

Portuguesa; Literatura Japonesa; Diálogos da literatura com outras artes e outras ciências humanas.

"ÉRAMOS NÓS": UMA LEITURA ANDRESENIANA DE A CAVERNA, DE JOSÉ SARAMAGO

Letícia Costa (USP)

Esta comunicação pretende apresentar um recorte da dissertação de mestrado homônima que propõe uma leitura do romance *A caverna* (2000), de José Saramago, a partir da formalização de conceitos presentes na "Arte poética I", da escritora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen, seguindo o modelo de investigação proposto por Gagliardi (2018). Em seu romance finissecular, Saramago constrói uma comunidade de personagens fundada no intercâmbio de experiências autênticas (BENJAMIN, 2012), na qual o barro é um elemento central por proporcionar uma religação, tal como no texto de Sophia, entre os indivíduos e a natureza. Na (pós-) modernidade, o desequilíbrio nas relações entre os seres e as coisas, que passam a ser valorizadas, segundo a perspectiva benjaminiana, predominantemente a partir de sua utilidade, em detrimento da arte envolvida em sua produção, é uma ameaça para a sobrevivência do pequeno grupo de personagens do romance.

Palavras-chave: José Saramago, Sophia de Mello Breyner Andresen, Aura.

Letícia Costa possui graduação em Letras pela Universidade São Paulo (2018) e atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação de Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. Pesquisa a obra de José Saramago desde 2016 e em sua dissertação de mestrado estuda o romance *A caverna* (2000), a partir da formalização de conceitos presentes na "Arte poética I", da escritora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen.

O DRAMA DA PERSONAGEM DRAMÁTICA SARAMAGUIANA: O CIDADÃO-AUTOR

Luciana de Cassia Camargo Pirani (IFPR/UFPR)

Entre 1979 e 2005 José Saramago publicou cinco peças *A noite* (1979), *Que farei com este livro?* (1980), *A segunda vida de Francisco de Assis* (1987), *In nomine Dei* (1993) e *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido* (2005). Nesses trabalhos, personagens históricas e ficcionais carregam os próprios dramas, quesito essencial, segundo Pirandello para a existência das pessoas de ficção. O dramaturgo italiano alerta, no entanto, que esses dramas são a voz do autor. Partindo dessa afirmação, este trabalho – em andamento - se propõe a compreender o drama da personagem dramática nas peças de José Saramago, a partir do ponto de realização artística da personagem e da intervenção ética, ideológica e estética do autor português. Para dar conta do propósito

mencionado são objetivos recuperar os conceitos relacionados a formação da personagem dramática; descrever a concepção de personagem proposta por José Saramago; caracterizar a perspectiva ética e ideológica do autor para o dever de ter deveres e obrigações; relacionar as personagens do drama saramaguiano à formação da personagem dramática e a concepção de personagem proposta pelo autor português. Além de Pirandello, os trabalhos de Sartre e os discursos de Estocolmo, os Cadernos de Lanzarote, de José Saramago, e a Carta dos Deveres e Obrigações dos Cidadãos compõem o referencial deste estudo.

Palavras-chave: teatro, personagem, ideologia ética.

Luciana de Cassia Camargo Pirani é Professora de Língua Portuguesa no Instituto Federal Paraná - Campus Curitiba. Graduada em Letras Português/Inglês pela UNIANDRADE (2002), Mestre em Letras/Estudos Literários pela UFPR (2005), Doutoranda em Letras pelo PPGLET- UFPR. Tem experiência como docente na educação básica, profissional e superior. Suas disciplinas de atuação contemplam Língua Portuguesa, Criação de Personagens e Narrativas para Jogos, Prática Pedagógica da Língua Portuguesa. Seus interesses de pesquisa, cursos ministrados, produções científicas e trabalhos que orienta centram-se principalmente nos seguintes temas: Criação e desenvolvimento de personagens, Formação docente, Literatura Comparada (Literatura de Língua Portuguesa, Teatro, Jogos e Cinema); Questões relacionadas ao texto dramático e as relações desse com a estética, ideologia e ética de José Saramago.

O FASCISMO PELO OLHAR DO RICARDO REIS DE SARAMAGO, OU “QUE IMPORTA ÀQUELE A QUEM JÁ NADA IMPORTA QUE UM PERCA E OUTRO VENÇA”

Luciene Marie Pavanelo (UNESP)

Em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, José Saramago retrata a conturbada década de 1930 sob o olhar do estoico heterônimo de Fernando Pessoa, que acredita que a sabedoria está em se contentar com o espetáculo do mundo, em aceitar as coisas como elas são e nunca se abalar. É por meio da suposta neutralidade do protagonista, que parece não se importar com a guerra entre o fascismo e o “símbolo do martelo e da foice”, que Saramago critica aqueles que não se posicionam frente à barbárie. Publicado em 1984, o romance nos alertava que, enquanto existisse o discurso anticomunista, a cadelinha do fascismo estaria sempre no cio, e que, se “ficarmos quietos, olhando, como puros observadores do espetáculo do mundo”, “com o mesmo mundo acabaremos”. No centenário do escritor, é nosso objetivo trazer a atualidade de sua reflexão.

Palavras-chave: José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Fascismo.

Luciene Marie Pavanelo é Professora da área de Literatura Portuguesa da UNESP, nos Cursos de Licenciatura em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras do campus de São José do Rio Preto. Fez toda a sua formação na USP: Bacharelado e Licenciatura em Letras, Mestrado em Literatura Portuguesa, Doutorado e Pós-Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. É líder do Grupo de Pesquisa Camilo Castelo Branco, certificado pelo CNPq, e sua produção científica, há quase 20 anos, tem se concentrado no romance português oitocentista. Apesar disso, é admiradora da obra de José Saramago, presença constante nas disciplinas que ministra, e atualmente orienta uma Dissertação de Mestrado sobre o autor. Nos últimos anos tem dado especial atenção ao romance histórico, e coorganizou três livros sobre o gênero, publicados em 2020 pela Editora Oficina Raquel.

ESTATUTOS DO SOBRENATURAL N'AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE, DE JOSÉ SARAMAGO

Luiz Rogério Camargo (FAE)

Partindo da súbita interrupção das atividades da morte por um período de sete meses em um único país não nomeado, o romance *As intermitências da morte* (2005), de José Saramago, oferece uma profunda reflexão acerca da necessidade do morrer como elemento constituinte da vida. Uma vez que a narrativa se constrói a partir de acontecimentos insólitos e sobrenaturais, o presente artigo se constitui de uma leitura do romance sob o viés do fantástico e do sobrenatural. Para tanto, este texto se fundamenta principalmente nas considerações acerca do fantástico de Tzvetan Todorov (2010) e das reflexões sobre os estatutos do sobrenatural na narrativa, de Francesco Orlando (2009), procurando identificar de que maneira tais aspectos se configuram na obra em questão.

Palavras-chave: Fantástico, Sobrenatural, Morte; José Saramago

Luiz Rogério Camargo é Doutor e Mestre em Letras pela UFPR. Graduado em Letras, Jornalismo e especialista em Linguística e Literatura pela Unicentro. Atualmente é professor de Literatura, Língua Portuguesa e Oratória na FAE – Centro Universitário.

AS FORMAS BIOGRÁFICAS E AUTOBIOGRÁFICAS EM JOSÉ SARAMAGO

Marcella Lopes Guimarães
(UFPR/CNPq)

As formas biográficas e autobiográficas desfrutam de prestígio na longa duração. Mesmo tendo sido detratadas pelas primeiras gerações dos *Annales*, entre essa mesma revista e paradigma historiográfico, elevou-se a reação que haveria de repensar o gênero em bases modais e hermenêuticas (segundo François Dosse). José Saramago cultivou a biografia e a autobiografia e também conheceu a Nova História proposta pelos pesquisadores atuantes na revista francesa. Em uma página de seus *Cadernos de Lanzarote*, o escritor português noticia a morte do medievalista Georges Duby (ocorrida em 1996), um dos maiores revitalizadores do gênero biográfico entre os *Annales*, e afirma que sem ele e sem a Nova História “talvez” o *Memorial do Convento* e *O ano da morte de Ricardo Reis* não teriam existido. A importância da revitalização do gênero e a tradição do seu cultivo também na Literatura Portuguesa podem ajudar a explicar a dedicação de Saramago às formas biográficas e autobiográficas. Meu texto busca analisar algumas respostas que essas formas – nos *Cadernos de Lanzarote* (a partir de 1994), em *As Pequenas memórias* (2006) e em *O Caderno* (2009) – deram aos leitores.

Palavras-Chave Biografia; autobiografia; intersubjetividade; José Saramago.

Marcella Lopes Guimarães é formada em Letras pela UFRJ (1995), mestra em Letras pela UFRJ (1999) e doutora em História pela UFPR (2004). É Professora de História Medieval na UFPR, membro permanente do PPGHIS/UFPR e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Em 2014, atuou como Professora Visitante na Universidade de Poitiers (França). Em 2015, foi homenageada pela UFPR com o Mérito Universitário. Em 2018, cumpriu missão de trabalho em Cabo Verde, em parceria com a Embaixada do Brasil. Em 2020, beneficiou-se de afastamento concedido pelo DEHIS da UFPR para desenvolvimento de projeto de pesquisa, financiado pela Capes, que resultou no livro: *As vidas dos trovadores medievais: Quem foram esses homens e mulheres que cantaram o amor* (2021).

QUE FAREI COM ESTES AUTORES? - CONVERSAS DE SARAMAGO COM CAMÕES E PESSOA

Marcelo Franz (UTFPR)

Serão analisados neste estudo a peça teatral *O que farei com este livro* e o romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, ambos de José Saramago. Utilizando como instrumental teórico o que é sugerido pela reflexão de Gerard Genette a respeito das formas de transtextualidade, observaremos nas obras analisadas as relações intertextuais com textos anteriores aos quais os livros se reportam de modo crítico. Saramago dá grande destaque ao modo como os protagonistas vivenciam, em cada caso, experiências de criação literária em contextos de crise, o que aponta para a discussão sobre o lugar do escritor na sociedade e como as vicissitudes desta interferem na receptibilidade do que é produzido pelo artista. Isso impulsiona a discussão

metalinguística que, nas duas obras, se alia à retomada crítica da historiografia em torno das figuras de Camões e Pessoa.

Palavras-chave: Intertextualidade, Saramago, metalinguagem.

Marcelo Franz é graduado em Letras Português Francês pela Universidade Federal do Paraná (1994), mestre em Letras (Literatura Brasileira) por essa mesma instituição (1997) e doutor em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (2002). Atualmente é professor do curso de Letras Português da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira e Teoria Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: memória e romance, ficção contemporânea, temporalidade, pós-modernidade.

À IMAGEM E SEMELHANÇA DO HOMEM: FIGURAÇÕES DA AUTORIDADE N'O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO

Maria Isabel Bordini (UFSC)

O presente trabalho analisa as figurações da autoridade em um dos mais célebres romances de José Saramago, *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991). Evidenciaremos, para tanto, a compreensão filosófica e política que acompanha esta e outras obras do autor: uma visão fundamentada nos pressupostos do materialismo histórico-dialético e embebida dos valores humanistas levados ao extremo. A conjunção desses dois elementos, materialismo e humanismo, resulta numa espécie de imperativo moral, que pode ser assim traduzido: sendo a esfera da transcendência uma projeção humana, muitas vezes usada para isentar os homens de sua responsabilidade, cabe-nos desmistificá-la a fim de atingir a maturidade moral. Desse modo, as figuras de autoridade representadas no romance em questão, em especial a figura máxima do próprio Deus, evidenciam o poder e a autoridade como construtos humanos que devem ser permanente e justificadamente postos em xeque. O trabalho se debruça ainda sobre os elementos de metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991) que o romance, espécie de evangelho apócrifo contemporâneo, apresenta, bem como destaca os procedimentos de intertextualidade e paródia empregados pelo escritor.

Palavras-chave: José Saramago; autoridade; metaficção historiográfica.

Maria Isabel Bordini tem graduação em Direito e em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Mestrado em Letras pela mesma instituição. É doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Já atuou como docente nos cursos de graduação em Letras na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Atualmente é professora de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas em Língua Portuguesa na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tem contos, artigos e ensaios acadêmicos publicados. Este ano publicou seu primeiro romance, *Hundo*.

VERDES SÃO AQUELES/ QUE ESPERANÇA DÃO: UMA LEITURA DO AMOR EM SARAMAGO.

Marisa Corrêa SILVA (UEM)

A prosa saramaguiana aborda com certa frequência a formação do par amoroso, mas de forma bastante característica: o autor focaliza o que, na terminologia da *Suma Teologica* de S. Tomás de Aquino, pode ser denominado “eros” (amor erótico) e, aos poucos, vai deslizando na direção de uma resolução de conflitos na “philia” (amizade) e/ou resulta em atos que traduzem o “ágape” (amor universal). A tríade conceitual é frequentemente utilizada por pesquisadores em campos diversos, frequentemente com a adição de “storge” (amor familiar), mas também de outras possibilidades cuja interpretação varia (*filautia, xênia, ludos, pragma e mania*) e que pode criar problemas de definição. Embora seja possível alinhar e classificar diferentes representações saramaguianas dentro das oito formas gregas, esta pesquisa abordará a tríade tomista original, a fim de iluminar a construção literária do autor português, cujas linhas de força conduzem a uma visão similar ao que Zizek apontou como a herança preciosa, a ser defendida a qualquer custo, do cristianismo original.

Palavras-chave: Amor; prosa saramaguiana; deslizamento de sentidos.

Marisa Corrêa Silva é professora no PLE - Universidade Estadual de Maringá e tem graduação em Letras pela Universidade Estadual de Campinas, mestrado em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (orientada por Nelyse Salzedas) e doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (orientada por Suely Flory e co-orientada por Carlos Reis durante semestre em Coimbra). Tem pós-doutorado na Rutgers - the State University of New Jersey (com Phillip Rothwell). Sua experiência na área de Letras inclui as Literaturas brasileira e portuguesa, com 3 livros, mais de 40 artigos e 23 capítulos de livro publicados até o momento. Suas publicações contemplam Teoria Literária, narrativa, poesia e leituras intersemióticas. É pioneira no Brasil na aplicação sistemática do materialismo laciano de Slavoj Zizek e de Alain Badiou na análise literária, bem como no desenvolvimento de metodologia para efetuar tal aplicação, publicando sobre o tema desde 2009. Foi vice-presidente da ANPOLL (gestão 2018-2020, prorrogada até Outubro de 2021)."

O BELO COMO RESISTÊNCIA EM TRÊS TEMPOS E ESPAÇOS LUSÓFONOS

Milena Ribeiro Martins (UFPR)

Propõe-se a aproximação de 3 narrativas de ficção: o conto "O jardineiro Timóteo", de Monteiro Lobato (1920); o conto "Velho com jardim nas traseiras do tempo", de Mia Couto (1997); e o romance *A Caverna*, de Saramago (2001). Observa-se neles a representação da resistência de personagens a transformações que ameaçam destruir práticas culturais e modos de vida. A ficção se apresenta como registro ou memória de algo ameaçado de desaparecimento. Em *A Caverna*, a tradicional profissão de Cipriano Algor está ameaçada, o que impele a mudança da família para o Centro, o mesmo Centro que se recusa a aceitar o produto do seu trabalho. A aldeia onde sua família morava vinha sofrendo mudanças durante décadas, estando quase tão vazia quanto as *idades mortas* descritas por Lobato. Nos dois casos, as mudanças são provocadas por fatores econômicos; no entanto, os sentimentos expressos pelos narradores são diferentes num caso e no outro. Em "O jardineiro Timóteo", o conhecimento adquirido ao longo da vida pelo tradicional jardineiro está em risco — como está em risco a identidade da região tradicional que ele habitava. Situação similar se vê no conto "Velho com jardim nas traseiras do tempo", em que o velho é obrigado a deixar o banco de jardim em que mora para dar lugar à construção de um Banco. A aproximação entre três autores tão distintos — quanto ao tempo, ao estilo e à cultura — deriva da percepção de que os efeitos destruidores da modernização são uma questão que atravessa o século XX. Os três autores criticam as mudanças introduzidas em modos de vida tradicionais, embora as obras também abram espaço para o elogio de aspectos da modernização e reconheçam sua duração no tempo.

Palavras-chave: modernização, tradição, memória.

Milena Ribeiro Martins é professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Paraná, desde 2009. Em seu mestrado e doutorado, estudou os processos de escrita e de edição dos contos de Monteiro Lobato. É coautora do livro *Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil* (2008), organizado por Marisa Lajolo e João Ceccantini, que recebeu dois prêmios Jabuti: melhor livro de crítica literária e livro do ano de não-ficção. Ainda sobre o autor paulista, publicou neste ano os livros *Lobato na Escola*, em dois volumes. Tem se dedicado também ao estudo de obras de mulheres do início do século XX, especialmente à crônica de Julia Lopes de Almeida. Antes de vir para a UFPR, Milena trabalhou na Universidade Católica de Brasília, onde foi professora de Literatura Portuguesa: foi em aulas daquela época que nasceram algumas ideias para o texto a ser apresentado.

UM "OLHAR MUITO AZUL" – O MESSIANISMO COMO DILEMA DISCURSIVO EM *LEVANTADO DO CHÃO*

Orlando Grossegeesse (UMinho)

O "olhar muito azul" do recém-nascido João Mau-Tempo inicia um fio de *leitmotiv* na epopeia de uma família de trabalhadores alentejanos, narrada ao longo de três

gerações, que culmina nos olhos azuis de Maria Adelaide e na chegada deste “dia levantado e principal”. Na ocupação revolucionária das herdades cumprem-se todas as esperanças frustradas durante séculos. Ninguém questiona a anunciação do Paraíso na Terra, alcançado pela luta solidária dos explorados. No entanto, a ‘luminosa’ ingenuidade messiânica na recriação do discurso da libertação não deve ofuscar o caráter dilemático deste olhar azul e desta narrativa no duplo contexto da literatura antes e depois do 25 de abril e da grande tradição do milenarismo em Portugal, evocada em *Levantado do Chão*.

Palavras-chave: messianismo; milenarismo; 25 de abril

Orlando Grossegeesse é Professor associado com agregação da Universidade do Minho, na qual entrou em 1990. É docente e investigador (CEHUM – Centro de Estudos Humanísticos), coordenando desde 2017 o grupo de investigação *EHum2M* (Estudos Humanísticos em Migrações e Marginalização). Estudou Filologias Românicas e Comunicação Social na Universidade de Munique (LMU), doutorando-se em 1989 com uma tese sobre a relação entre conversação e discurso narrativo na obra queirosiana, publicada sob o título *Konversation und Roman* (Stuttgart: Steiner 1991). Publicou ainda o manual *Saramago lesen. Werk – Leben – Bibliographie* (Berlin: tranvía 1999; reed. atualizada e aumentada 2009). (Co)editou duas dezenas de livros e números temáticos de revistas – recentemente, com Elena Brugioni e Paulo de Medeiros: *A Companion to João Paulo Borges Coelho. Rewriting the (Post)Colonial Remains* (Oxford: Peter Lang 2020) – e publicou mais de uma centena de artigos nas áreas das Filologias Alemã, Portuguesa e Espanhola, Estudos de Literatura Comparada e de Tradução. Traduziu obras de literatura espanhola e portuguesa para alemão.

A PERSONAGEM FORA DE SEU TEMPO EM TERRA DO PECADO, DE JOSÉ SARAMAGO

Patrícia dos Santos Andrade (Mestranda /UFPR)

A personagem feminina, em *Terra do Pecado* (1947), irrompe a malha textual e ocupa posição de vanguarda no desenvolvimento da narrativa, na figura da personagem Maria Leonor. Em sua trajetória no enredo, percebe-se o empenho do escritor na construção de um imaginário acerca da mulher, o qual não se edifica nas formações discursivas já direcionadas a ela, sugestionando uma nova forma no entendimento do papel desempenhado pelas mulheres na engrenagem social da segunda metade do século XX. Nesse sentido, o presente trabalho pretende analisar a construção da personagem Maria Leonor de modo a compreender a forma como Saramago constrói as representações subjetivas promotoras das rupturas com os padrões tradicionais, configurando nessa personagem uma mulher questionadora, que se põe a pensar acerca de questões que, até então, não era uma prática comum às mulheres de seu tempo, denunciando, assim, o caráter retrógrado da sociedade em que vivia.

Palavras-chave: Terra do Pecado, narrativa, personagem feminina

Patrícia dos Santos Andrade é Mestranda em Letras, Licenciada em Letras-Português, pela UFPR em todos os casos. Professora de literatura e língua portuguesa do EM.

O EVANGELHO SEGUNDO JOSÉ E O NASCIMENTO DE UMA ÉTICA DA COMPAIXÃO

Pedro Fernandes de Oliveira Neto (UFRN)

É possível distinguir em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), de José Saramago, pelo menos dois movimentos narrativos que se interceptam dialeticamente para o funcionamento do romance: o primeiro se organiza desde o episódio da concepção do primogênito de Maria e José a execução do patriarca pelos romanos na cidade sitiada de Séforis; e o segundo começa com a saída do jovem Jesus em busca de suas origens e termina com a repetição do destino do pai, a morte na cruz em plena maturidade. Designados esses movimentos, nosso interesse recai sobre o primeiro a fim de reexaminar, em diálogo crítico-interpretativo com o texto literário, sua figura principal. Utilizamos do conceito de figuração desenvolvido por Carlos Reis (2018) e dos procedimentos de estudo dele sugeridos, uma vez que ao esclarecer a constituição da personagem, repensamos sua indispensável valia para os acontecimentos do segundo movimento narrativo, núcleo do romance. Essa leitura visa desconstruir a ideia segundo a qual José é uma peça simples da narrativa e inferior às demais personagens. Essa personagem forma núcleo do que podemos designar como o primeiro dos evangelhos que compõem um romance cujo interesse é, dentre tantos, se interrogar sobre os fundamentos do dogma cristão e suas implicações culturais no modelo civilizacional vigente. Dentre essas interrogações, notamos que José inaugura a revisão de uma ética da compaixão.

Palavras-chaves: José Saramago. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Figuração. Ética da compaixão.

Pedro Fernandes de Oliveira Neto é Professor na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). É autor de *Retratos para a construção do feminino na prosa de José Saramago*. Coordena o grupo de pesquisa Estudos Sobre o Romance e a Coleção Estudos Saramaguianos, na qual publicou sob sua organização a coletânea de textos acerca do romance *Ensaio sobre a cegueira, Peças para um ensaio*. Dirige com Miguel Koleff a *Revista de Estudos Saramaguianos*.

A ARTE EPISTOLAR EM SARAMAGO: UMA INTERPRETAÇÃO LITEROGEOGRÁFICA DA "CARTA A JOSEFA, MINHA AVÓ"

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves (UEG)

O esplendor da narrativa epistolográfica reside na profunda liberdade daquele que escreve. Esta é a sua lição. Escritores, cientistas e pessoas comuns não se furtaram a essa arte com cartas de amor, cartas públicas, cartas de separação e, inclusive, cartas de suicidas. O seu conteúdo pode revelar informações e/ou novidades acerca do cotidiano e da vida política de um país, expor questões teóricas e literárias de determinada conjuntura social; além da ‘escrita de si’, com informações pessoais, reflexões e expressões de sentimentos. Neste sentido, constata-se que as cartas tiveram e ainda têm várias significações, desde documentos para a pesquisa historiográfica, formas de divulgação de descobertas científicas, interlocuções teóricas entre vários pensadores e registros de acontecimentos ocorridos em distintas épocas. Ademais, a correspondência de escritores, artistas plásticos, músicos e pesquisadores compõem uma documentação de caráter privado que vem suscitando grande interesse editorial no Brasil. Sendo assim, a pesquisa geográfica também vem dedicando atenção a esse gênero textual como fonte de pesquisa e interpretação de cartografias existenciais de sujeitos ou de aproximações entre Geografia e Literatura. Neste sentido, no presente texto, fundamentado no diálogo entre Geografia e Literatura, ou do que denominamos interpretações literogeográficas, propõe-se a análise da “Carta a Josefa, Minha Avó”, do escritor José Saramago. Neste texto de Saramago, detalhes do mundo espacial de sua avó são minuciados em elos literários e geográficos. Ainda, paisagens e lugares de existência da infância do escritor são narrados.

Palavras-chave: Geografia. Literatura. Espaço. Cartografias Existenciais.

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves possui Doutorado em Geografia Humana pela Universidade Federal de Goiás (UFG). É professor dos Programas de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), e Geografia (PPGEO), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Cora Coralina. É membro do Grupo de Pesquisa e Extensão Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira) e do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE). Dedicar-se à pesquisa de temas relacionados ao diálogo entre Geografia e Literatura ou ao que denomina Interpretações Literogeográficas.

A ESPACIOSIDADE SUGESTIVA NA POESIA: O ANO DE 1993, DE JOSÉ SARAMAGO

Robson José Custódio (UEPG)

“A cidade que os homens deixaram de habitar está agora sitiada por eles” (SARAMAGO, 2007, p. 12). Os lugares apontados pelo poeta, nesta obra, agora são ocupados e vividos pelos humanos (muitas vezes não só os ficcionais, o que garante a pompa dos versos pós-Revolução). De modo geral, *O ano de 1993*, de José Saramago, constrói um olhar sobre o mundo contemporâneo, por meio de uma

distopia previsional não só da década de 90, como também a todo além do século XXI. Os indivíduos, na obra, por vezes, deixam rastros de sua presença no espaço ao praticarem a liberdade de seus hábitos. Ora, se assim ocorre, o eu lírico, portanto, autoriza-nos a mover a discussão de Tuan (1983, p. 59) no que tange a espacialidade, isto é, a liberdade de poder viver o seu espaço a partir de seus pensamentos e de suas escolhas relacionais. Segundo ele, o essencial perpassa pela capacidade de atravessar o presente, mas isso só consegue se efetivar se, para isso, o deslocamento, o contato, o caminhar, o locomover-se acontecerem. Dessa forma, será possível dizer que o espaço saramaguiano nessa poética conseguirá ser experienciado, conhecido e dominado pelos seres humanos a partir das narrativas e indícios deixados nas sombras das palavras. Logo, o movimento verossímil do eu lírico no espaço em *O ano de 1993* é a direção do nosso olhar nesta leitura, de modo a detectar a contribuição espacial para a compreensão da poesia de Saramago. A descrição, ali, é o instrumento de ação para perceber as sugestivas referências ao espaço existente, um espaço ocupado, mas não disputado, uma vez que o que nos vale são os apontamentos e não o caos.

Palavras-chave: espaço, poesia, verossimilhança.

Robson Custódio é bacharel em Jornalismo e licenciado em Letras, mestre em Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, doutor em Estudos Literários, pela Universidade Federal do Paraná. É docente do Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa, membro do Grupo de estudos Diálogos com a Literatura Portuguesa, do Centro de Estudos Portugueses da Universidade Federal do Paraná, membro do Polo de Pesquisa em Poesia Portuguesa Moderna e Contemporânea, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Atua sobretudo com as literaturas modernas e contemporâneas portuguesa e africana, também com os estudos de Geoliteratura, a partir das discussões de espaço nas artes.

“A ESTE VELHO NÃO” – ‘CADEIRA’, DE JOSÉ SARAMAGO

Rosana Apolonia Harmuch (UEPG)

Na tentativa de somar minha voz à daqueles que se ocupam dos contos saramaguianos, elejo para análise a narrativa ‘Cadeira’, publicada na antologia *Objecto Quase*, em 1978. Em uma dupla metonímia, Saramago manipula o tempo narrativo e faz com que a queda de uma cadeira, ocorrência por natureza fugaz, se estenda por várias páginas, de modo a figurar o trabalho lento e eficaz dos cupins, heróis que protagonizam o evento. Com o mesmo procedimento, figura o tempo para a efetiva e posterior queda daquele que ocupava a cadeira, Salazar, que sobrevive por dois anos após o fatídico 1 de agosto de 1968. De posse da única arma que lhe é permitido portar, a linguagem, o narrador explicita seu poder em um conjunto de eficientes estratégias narrativas que são meu foco de interesse.

Palavras-chave: José Saramago, conto, Cadeira.

Rosana Apolonia Harmuch é Graduada em Letras Português Literatura pela Universidade Estadual do Centro-Oeste / Unicentro, Guarapuava, é mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Paraná e doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (2006), com tese sobre a obra de Eça de Queirós. Concluiu um primeiro estágio de pós-doutorado na USP, em 2017. O segundo estágio está em andamento, também na USP (2022). É professora associada na Universidade Estadual de Ponta Grossa e dedica-se, principalmente, aos seguintes temas: estudos do romance, em especial das figurações de leitores e de escritores nas narrativas (oriundos ou não da realidade empírica); estudos sobre concepções de autoria; estudos sobre as relações entre a teoria literária e o ensino de literatura.

A INFLUÊNCIA DOS ESPAÇOS NARRATIVOS NA CONFIGURAÇÃO DA VIDA ERRANTE DE *CAIM* (2009), DE JOSÉ SARAMAGO.

Salete Aparecida Franco Miyake (UFPR)

Saramago revisita o mito bíblico em *Caim* (2009). A personagem bíblica que foi castigada por assassinar o irmão e está condenado a viver errante, não pode ser morto, porque carrega a marca de Deus em sua fronte, é transformada no romance saramaguiano e parte em uma jornada de conhecimento. Nesse sentido, chama atenção a forma como o autor desenvolve a construção da narrativa, recorrendo a uma configuração espacial não linear, que mistura realidade, fantasia e imaginação. A partir dessa peculiaridade da obra, objetiva-se analisar de que modo a transição de Caim entre esses diferentes espaços contribuem para o aprendizado da personagem, no que se refere às implicações de não pertencer a lugar nenhum e, ao mesmo tempo, pertencer a todos os lugares. Os espaços narrativos podem, por exemplo, de acordo com a imagem que buscam representar, contribuir para compreensão de um efeito momentâneo de mudança do estado psicológico da personagem ou, ainda, pela disposição que promovem, apoiar sua transformação. Para tanto, recorreremos à teoria da Topoanálise em Bachelard (1977) e Borges Filho (2020).

Palavras-chave: *Caim*, Saramago, mito, topoanálise.

Salete Aparecida Franco Miyake é Graduada em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Paraná-UFPR (2022), atualmente é Graduada Letras Português – Bacharelado com ênfase em Estudos Literários na UFPR. Possui Mestrado em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná (2019). Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: análise linguística, livro didático e literatura portuguesa.

HOMO FICTUS, HOMO LUDENS: A ADAPTAÇÃO DO UNIVERSO DE PERSONAGENS SARAMAGUIANOS PARA UM JOGO DE CARTAS

Saulo Gomes Thimoteo (UFFS)

Na dinâmica literária, pode-se reconhecer o entrelaçamento de uma série de interações. Há o jogo entre o autor (ou a face do autor que se dá a ver na construção narrativa) e o leitor (ou a projeção a ser assumida, ou mesmo questionada, por cada leitor da obra), assim como, no tabuleiro da diegese, há os discursos que os personagens evocam na construção de seus pensamentos e ações e há a mobilização formulada por meio dos diálogos estruturados. No caso da obra de José Saramago, em cada romance os personagens se estruturam como consciências em busca de uma compreensão de si, ou então, como reflexos da voz narrativa num exercício de questionamento ficcional. Diante de tais personagens, criou-se um jogo de cartas em que se aproximam o caráter literário e o entretenimento, partindo de diferentes dinâmicas de jogabilidade, ora como embates de forças, ora como associações de enredo e contextos de produção. Baseando-se em conceitos de Walter Benjamin e Roland Barthes e associando-se à visão de adaptação e jogabilidade de Linda Hutcheon, Johan Huizinga e Roger Caillois, a proposta do jogo *Os arquivos de Saramago* intenta-se como uma nova abordagem para a obra do escritor português, tanto para desvendá-lo para novos leitores, quanto para revisitá-lo de maneira lúdica.

Palavras-chave: Estratégias de leitura; Romance; Ludicidade.

Doutor em Letras (Literatura portuguesa) pela Universidade de São Paulo e professor da Universidade Federal da Fronteira Sul desde 2011 e do Programa de Mestrado em Estudos Linguísticos da mesma universidade desde 2019. Atua na área de estudos literários, sobretudo nos estudos da obra de José Saramago e nas interações teóricas de conceitos de Bakhtin, Benjamin e Barthes. Desde 2017 desenvolve o projeto "Adamastor: laboratório de jogos literários", no qual articula a transposição de universos literários para a dinâmica de jogos de tabuleiro e/ou cartas. Publicou, em 2020, "O cortiço - Jogo de tabuleiro", pela Editora IDEA Jogos, além de desenvolver um jogo de tabuleiro sobre *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, e um jogo de cartas a partir dos romances saramaguianos.

A DESENVOLTURA DE SARAMAGO

Silvio Cesar dos Santos Alves (UEL)

Eduardo Lourenço, num ensaio intitulado "Uma literatura desenvolta, ou os filhos de Álvaro de Campos", destaca, na ficção produzida entre as décadas de 50 e 60 em Portugal, certa desenvoltura ou desprendimento ético em relação aos valores até então hegemônicos, que ele chama de "mitologia espiritual portuguesa", ou seja, em relação aos afetos oriundos da ideia de Deus, de pátria e de família, mas sobretudo à ligação do sexo com o pecado original. Para o ensaísta, a geração de escritores que então surgia ou se formava, com essa nova postura diante de enraizados tabus, fazia um acerto de contas "entre o lá fora e o cá dentro", nada devendo ao que se produzia em outros grandes centros da civilização ocidental. Nessa nova literatura, Deus está cada vez mais esquecido ou ausente, para não dizer morto. A pátria é o

mundo todo, e a ideia de nacionalidade se mostra cada vez mais antiquada. A família ou se desfaz, ou adota formas alternativas em relação ao paradigma tradicional. O sexo é visto com naturalidade, sem tabus e não mais vinculado estritamente à procriação ou ao pecado, e nem subordinado ao padrão heteronormativo. É na esteira de tal leitura, segundo a qual os autores da nova literatura seriam os legítimos filhos de Álvaro de Campos, que este trabalho pretende analisar em que medida José Saramago também pode ser considerado um dos herdeiros do mais modernista dos heterônomos de Pessoa, e em que medida ultrapassa essa referência, pela maneira como a sua obra aborda e problematiza a referida "mitologia espiritual portuguesa", suportada pelo tripé Deus-pátria-família, e pela visão do sexo como um tabu. Para tanto, o romance escolhido como objeto de nossa análise será "O ano da morte de Ricardo Reis".

Palavras-chave: José Saramago; Eduardo Lourenço; Niilismo.

Silvio Cesar dos Santos Alves possui Pós-Doutorado em Letras (2017), Doutorado em Literatura Comparada (2013) e Mestrado em Literatura Portuguesa (2008), pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Desde 2015, é Professor Adjunto de Literatura Portuguesa da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Tem interesse na relação entre literatura e valores, na produção, contestação ou legitimação de valores por meio do texto literário, na negociação que o texto literário estabelece com os valores do lugar e do tempo em que é produzido, com foco no período da história ocidental abarcado pelo fenômeno do «Niilismo Europeu», ou seja, o período compreendido entre os finais do século XVIII e a contemporaneidade. Coordenou o Projeto de Pesquisa UEL — «O ceticismo na ficção queirosiana». Lidera o Grupo de Pesquisa CNPq — «Cenáculo: Fluxos e afluxos da Geração de 70», vinculado ao Centro de Letras e Ciências Humanas da UEL.

O LABIRINTO DE *FICÇÕES* E A LEITURA COMO IMPOSSIBILIDADE

Tatiana Prevedello (UFRGS)

No prólogo de *Ficções*, do escritor argentino Jorge Luis Borges, há uma advertência concernente à tarefa laboriosa e empobrecedora de compor vastos livros, cujas ideias poderiam ser apresentadas de forma sucinta. Borges afirma que o melhor procedimento é simular a existência de tais livros e, assim, escreve entre outros densos e concisos experimentos imaginários, *Exame da obra de Herbert Quain*, escritor a quem se atribui a autoria de *The God of the Labyrinth*. O heterônimo pessoano, recriado por José Saramago em *O ano da morte de Ricardo Reis*, no decorrer de sua trajetória como personagem romanesca, levará consigo o livro de Quain, o qual o acompanha desde a sua travessia pelo Atlântico, rumo à Lisboa, até o derradeiro momento em que decide abandonar a condição de expectador do mundo e seguir Fernando Pessoa para uma dimensão incognoscível. Ricardo Reis, todavia,

defronta-se com a impossibilidade de realizar uma imersão no livro que traz consigo, de modo que não consegue avançar na leitura. É possível questionar por que razão Saramago decide se apropriar com total liberdade dos rumos aos quais submete o heterônimo pessoano, ao confrontá-lo com as contingências político-sociais enfrentadas no conturbado ano de 1936, mas não ultrapassa os limites ficcionais impostos por Borges, em sua narrativa fantástica. A reflexão que nos propomos a realizar está direcionada, sobretudo, à análise das (i)limitações do processo diegético que envolve a criação ficcional, mediada intertexto histórico-literário.

Palavras-chave: Criação ficcional, leitura, personagem.

Tatiana Prevedello é Doutora Estudos de Literatura (2014), pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Desde o mestrado tem se dedicado ao estudo da hermenêutica da escrita, direcionado, sobretudo, ao trabalho filosófico de Paul Ricoeur e às relações entre tempo, alteridade, memória e história na literatura. É autora dos livros *Narratividade em Paul Ricoeur* (2022) e *Ficção e hermenêutica: Paul Ricoeur e António Lobo Antunes* (2022). Atualmente é professora EBT/ da rede federal de ensino e desenvolve na UFRGS, no âmbito de pós-doutorado, a pesquisa “Arqueologia memorialística na narrativa de Milton Hatoum”.

O ABSURDO EM DOIS TEMPOS: ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA, DE JOSÉ SARAMAGO, E O RINOCERONTE, DE EUGÈNE IONESCO

Telma Maciel da Silva (UEL)

O objetivo do presente trabalho é analisar a lógica do absurdo no romance *Ensaio sobre a cegueira*, do escritor José Saramago. Para tanto, buscaremos comparar alguns aspectos do romance a elementos de *O rinoceronte*, uma das mais famosas peças do dramaturgo romeno Eugène Ionesco, autor que está inserido no chamado Teatro de vanguarda, que posteriormente ficaria conhecido como “teatro do absurdo”, segundo expressão cunhada pelo crítico Martin Esslin. Entre as duas obras, encontramos uma série de coincidências temáticas, a começar pelo argumento central que condiciona todos os acontecimentos das duas tramas: no drama, as personagens começam a se transformar em rinocerontes, enquanto no romance, elas são acometidas por uma epidemia de cegueira. O aspecto de contaminação e de consequente animalização dos envolvidos é um dos elementos centrais a ser analisado neste trabalho.

Palavras-chave: José Saramago, Absurdo, *Ensaio sobre a cegueira*

Telma Maciel da Silva tem graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista (Unesp - Campus de Assis) e doutorado em Letras pela mesma universidade. Atualmente, é professora de Literatura Portuguesa/ Teoria Literária na Universidade Estadual de Londrina, onde coordena o projeto de pesquisa Cartas como acervo literário: manuscritos, rabiscos e processos criativos. Seus interesses de pesquisa estão relacionados à literatura portuguesa contemporânea e acervos literários.

JOSÉ SARAMAGO: O TESTEMUNHO DOS HERÓIS

Teresa Cristina Cerdeira (UFRJ/CNPq)

Caim é o último romance publicado em vida de José Saramago, e essa constatação – tenha sido ela fruto ou não do acaso – ganha uma amplitude semântica que vem ratificar uma linha de pensamento reconhecidamente autoral: a de que “a história do homem é a história dos seus desentendimentos com Deus”. A frase é pronunciada por *caim*, personagem de José Saramago, e ela faz eco a duas vertentes da sua obra: o enfrentamento com uma dimensão transcendente incognoscível e, por outro lado, a afirmação de valores éticos do autor que, em vida, não se limitou à escrita como modo de intervenção no mundo. Ao contrário disso, agiu, tomou posição, e se dispôs a olhar, ver e reparar para se fazer testemunho do seu tempo. O *caim* que Saramago nos apresenta – vagando no tempo e no espaço – é nesse sentido o seu duplo. Ambos quiseram “testemunhar até o fim” (G. Didi-Huberman, a propósito de Victor Klemperer).

Teresa Cristina Cerdeira é professora emérita da Faculdade de Letras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pesquisadora 1ª do CNPq. Foi regente da Cátedra Jorge de Sena da UFRJ de 2005 a 2012, tempo durante o qual foi a editora da Revista *Metamorfoses*. Defendeu sua tese em 1987 sobre a obra de José Saramago, publicada em Lisboa no ano de 1989 pela Editorial Dom Quixote, sob o título: *Entre a História e a ficção, uma saga de portugueses* cuja segunda edição foi feita pela Editora Caminho, Belo Horizonte em 2019. Tem duas pesquisas de pós-doutoramento, uma em Lisboa, que resultou no livro *O Averso do bordado* (Lisboa, Ed Caminho, 2000), e outra em Paris no Collège de France, com o Professor Georges Duby que já a teria orientado (outubro a dezembro de 1985) na sua pesquisa para o doutorado sobre as questões da historiografia. É autora de outros livros de ensaio: *A tela da dama* (Lisboa, Ed. Presença, 2013), *A Mão que escreve* (Casa da Palavra/Leya, 2014) e mais recentemente *Formas de ler* (Belo Horizonte, Moinhos, 2020). Organizou a coletânea *Helder Macedo: A Experiência das fronteiras* (2002) e, em conjunto com outros pesquisadores: *Cleonice clara em sua geração* (1985) e *Helder Macedo: A Primavera toda para ti* (2004).

OS ESPAÇOS MÍTICOS E OS NOMES EM JOSÉ SARAMAGO

Valéria Cristina Pereira da Silva (UFG)

Nesta proposta de leitura de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* pretendemos averiguar o modo como a narrativa ressignifica os espaços míticos em sua atualização contemporânea através da recriação literária do mito e da evocação dos nomes tidos como sagrados, levando os leitores a se colocarem diante dos mitos que os constituem e o espaço-tempo, nele contidos, espaço que habitamos. Na narrativa há

a evocação ontológica dos nomes das personagens, que nos faz refletir sobre a difícil oposição ontológico x representacional na recriação mítico-literária sugerindo que Saramago recria um teatro mítico para encontrar a si próprio nesta narrativa e, concomitantemente, permitindo que o seu leitor também o faça. Nota-se, assim, a proposição, por parte do autor, de uma literatura da abertura, que recriam os mitos que nos constitui, repovoando o cotidiano esvaziado com os seus símbolos. Todas as narrativas clássicas na pós-modernidade estão sujeitas a releitura, a inversão, a atualização, mas fazê-lo na perspectiva mítica exige força simbólica e coragem literária, estabelecendo mesmo uma aliança com a pluma do imaginário. Assim, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* evoca nomes para chegarmos a nós mesmos por meio da recepção, se puderes ver também repara!

Palavras-chave: literatura, imaginário, simbólico

Valéria Cristina Pereira da Silva é docente da Universidade Federal de Goiás no Instituto de Estudos Socioambientais-IESA atuando na área de estudos culturais. É Pós-doutora pela Universidade Nova de Lisboa-Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – NOVA FCSH - junto ao IELT - Instituto de Estudos de Literatura e Tradição. É doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista – Unesp – Campus de Presidente Prudente SP, instituição pela qual também possui graduação e mestrado. É Autora do livro *Palmas – a última capital projetada do século XX: uma cidade em busca do tempo* (2010) Ed. Cultura Acadêmica, além de capítulos de livros e artigos científicos é autora das obras: *Em asas de borboletas e em bolbas de sabão* (2013) Ed. Paulinas, *Estrelário* (2019) Amazon e *A Casa da Poesia*, (2020) Delicata. (Poesia).

FLUXOS E VAZANTES EM AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE E “REFLUXO”, DE JOSÉ SARAMAGO

Valeria Evencio de Carvalho (UFPR)

Este artigo objetiva apresentar como a morte é tratada no conto *Refluxo*, de *Objecto quase* (1978), e no romance *As intermitências da morte* (2005), ambos de autoria de José Saramago. Para tanto, colacionam-se aspectos do livro *Necropolítica*, de Achille Mbembe, e da tanatografia saramaguiana nos textos escolhidos. Busca-se segmentar a morte em três aspectos: o decesso do outro como instrumento do exercício do poder sobre a vida, a morte-personagem e os vivos-mortos, que fazem da vida e da morte apenas mais um negócio a ser praticado. Especialmente sobre a óptica de Saramago, adota-se o que ele disse em entrevista sobre a criação de *As intermitências da morte*, isto é, para falar da morte, é preciso estar vivo e ter a ilusão de que se conhece alguma coisa sobre o tema. Outrossim, ao refletir falando e/ou escrevendo sobre a morte, está-se, de fato, a perorar sobre a vida, que é o único ponto de partida que existe para tratar do finamento da existência.

Palavras-chave: José Saramago, Achille Mbembe, Tanatografia, Necropolítica.

Valeria Evencio de Carvalho é Doutoranda em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná, Mestra na mesma instituição (2018), bem como Licenciada e Bacharela em Letras-Português. Licenciada em Letras-Inglês pela FAE – Centro Universitário (2022). Especialista em Ensino da Língua Portuguesa e da Literatura pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Bacharela em Direito pela Faculdade de Direito de Curitiba (1996). Especialista em Direito e Processo Tributário pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1998). Seus estudos são nas áreas da tanatografia (Padre Antônio Vieira), literatura portuguesa (Camilo Castelo Branco) e tragédia grega (Eurípides), sob os aspectos da morte, religião e rito. Foi docente de Língua Portuguesa, Redação e Literatura. Atualmente é assistente de promotoria junto ao Ministério Público do Estado do Paraná.

A CAVERNA, DE JOSÉ SARAMAGO: UMA PROPOSTA PARA O NOVO MILÊNIO

Verônica Daniel Kobs (UNIANDRADE/FAE)

Este trabalho configura-se como um ensaio sobre o romance *A caverna* (2000), de José Saramago. Tomando por base o projeto do pensador Italo Calvino, em *Seis propostas para o próximo milênio* (1988), a ideia é realçar o aspecto sócio-histórico do livro de Saramago, além de estabelecer conexões com a crítica e o olhar contemplativo do autor português. Assim, este estudo argumenta que, às vésperas do novo milênio e a partir dos conflitos experimentados pelo protagonista Cipriano Algor, José Saramago, sempre à frente de seu tempo, apresentou ao mundo uma hipótese do que nós, humanos, e a sociedade como um todo poderíamos nos tornar, considerando as alterações que já podiam ser percebidas, tanto na tecnologia quanto nos modos de consumo. Dessa forma, associando o presente ao futuro e também ao passado, o escritor revisita o mito de Platão para demonstrar sua percepção sobre o isolamento e a inércia que, hoje, somos capazes de reconhecer como marcas de nosso tempo. Evidentemente, essa leitura é temporal, porque está relacionada às transformações vivenciadas ao longo das décadas, desde o ano 2000, quando o livro foi lançado, até agora, no ano de 2022. A fim de consolidar esse viés interpretativo, serão usados os pressupostos dos seguintes teóricos: Stuart Hall (2001) e Zygmunt Bauman (1999; 2001), no que se refere ao fenômeno da globalização e aos seus efeitos; e Lucia Santaella (2003), para tratar do pós-humano, das mídias e do individualismo, que, por sua vez, constitui o grande paradoxo da sociedade globalizada.

Palavras-chave: A caverna, globalização, individualismo.

Verônica Daniel Kobs possui Pós-Doutorado em Literatura e Intermidialidade (UFPR). Doutorado em Estudos Literários (UFPR). Mestrado em Literatura Brasileira (UFPR / Com bolsa de estudos do CNPq). Licenciatura em Letras Português-Latim (UFPR). Professora do Mestrado e do Doutorado em Teoria Literária da Uniandrade. Professora da Graduação em Letras da FAE Centro Universitário. Editora da revista literária Scripta Alumni. Pesquisadora credenciada

junto ao CNPq e atuante em Grupos de Pesquisa da Uniandrade e da UFPR, com projetos sobre Literatura, Intermidialidade e Crítica. Autora de artigos sobre Literatura e Intermídia. Autora de livros sobre Língua Portuguesa e Linguagens. Autora de materiais didáticos de Literatura e Linguagens. Autora do blog Interartes: Artes & Mídias.

INFLUÊNCIAS QUEIROSIANAS EM *TERRA DO PECADO* (1947), DE JOSÉ SARAMAGO

Xênia Amaral Matos (UFPR/CEPCR)

Terra do Pecado (1947) é o primeiro romance de José Saramago e foi pouco explorado pela crítica por muitos anos. Por exemplo, Odil de Oliveira Filho, em *Documentário Humano: Saramago e o Neo-realismo* (1996), considera a publicação quase desconhecida e apagada da obra do escritor. Todavia, com o aumento de estudos revisionistas, a narrativa tem sido revisitada e uma das abordagens possíveis busca a compreensão da nuance realista-naturalista. Nesse espectro, Dayane Aline Freitas, no artigo *Terra do Pecado: influências realistas e naturalistas no primeiro romance de José Saramago* (2020), relaciona a produção à vertente, além de mapear influências d'O *primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós, tais como a temática em comum do adultério e algumas relações entre as protagonistas dos romances. Por outro lado, nota-se que o diálogo entre tal narrativa saramaguiana com as produções queirosianas está para além das questões mencionadas, avançando em *Terra do Pecado* por meio da retomada de recursos retóricos, descrições de ambientações, figurações de personagens e, até mesmo, de entrecruzamentos com outros romances, como *O crime do Padre Amaro* (1875). Nesse sentido, o presente trabalho pretende aprofundar-se na influência de Eça de Queirós nessa narrativa saramaguiana, a fim de demonstrar que aquela não está conectada apenas pela temática em comum, mas também por estratégias discursivas.

Palavras-chave: *Terra do Pecado*, Eça de Queirós, realismo-naturalismo.

Xênia Amaral Matos é Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria, tendo defendido a tese *O gótico em Eça de Queirós* (2019). Possui Mestrado em Letras e Graduação em Letras-Inglês pela mesma instituição. Atualmente, é Pós-doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Paraná. É professora de língua inglesa na rede municipal de Itajaí/SC no Centro Educacional Professor Calcildo Romagnani.